

## INTRODUÇÃO

Joana Passos e Elena Brugioni

No Colóquio de Outono de 2013, subordinado ao tema *As Humanidades e as Ciências, Disjunções e Confluências*, o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho tomou a iniciativa de organizar uma Mesa Redonda sobre o cinquentenário de *Luuanda*, de Luandino Vieira, obra fundadora da moderna literatura, escrita, de Angola, e emblema de uma intervenção literária que reuniu vários escritores dessa mesma geração de 1950 / 1960 em torno da causa da libertação nacional. Embora *Luuanda* fosse efetivamente publicada pela primeira vez em 1964, foi escrita em 1963, na cadeia de S. Paulo, da invocada cidade. As circunstâncias da criação do manuscrito e do seu clandestino caminho do interior da prisão até ao editor, pela mão de Ermelinda Graça, são já parte integrante do percurso extraordinário deste livro, e justificam uma certa antecipação no assinalar da efeméride.

A partir das intervenções nessa Mesa Redonda, quisemos deixar memória de tão participada e emotiva sessão, testemunho vivo do reconhecimento que Luandino Vieira conquistou junto de gerações de investigadores, incluindo os mais jovens. E foi este mesmo propósito que motivou a procura de testemunhos por parte de outros escritores, colegas e cúmplices, que quiseram deixar a sua voz associada a este *dossier*.

As organizadoras querem agradecer, em primeiro lugar, a generosidade de Luandino Vieira, pela forma como nos recebeu e se disponibilizou a colaborar, e, por outro lado, o continuado e decidido apoio da professora Ana Gabriela Macedo, Diretora do CEHUM, que acolheu esta iniciativa. Agradecemos também às nossas convidadas, as professoras Ana Mafalda

Leite e Inocência Mata, bem como às professoras Laura Padilha e Rita Chaves, os ensaios que nos disponibilizaram. Por fim, o nosso reconhecimento aos escritores que juntaram as suas vozes a esta homenagem e um agradecimento especial a Ungulani Ba Ka Khosa, que, ao saber da iniciativa, se disponibilizou para levar o nosso convite até ao Luís Bernardo Honwana.

*Luuanda*, conjunto de 3 ‘estórias’ escritas em 1963 por Luandino Vieira, ganhou uma maior visibilidade em 1964, quando lhe foi atribuído o prémio D. Maria José Abrantes Mota Veiga, na altura um importante prémio angolano, o qual teve o mérito de estimular a publicação de autores locais, na Angola dos anos 60. O percurso pessoal de Luandino Vieira, o período histórico em que viveu e as formas de intervenção a que não se esquivou são indissociáveis da escolha de temas, perspetiva ideológica, carga humana e afetiva e, até, do inovador uso da linguagem que se encontra nos seus textos. Também o impacto de *Luuanda* se prende com as posições públicas tomadas por quem o escreveu. Em 1959, no âmbito do chamado Processo dos 50, a PIDE – *Polícia Internacional e de Defesa do Estado* — efetuou um conjunto de prisões de destacados nacionalistas angolanos com o objetivo de desorganizar, ou pelo menos adiar, a eclosão da guerra de libertação em Angola. Luandino Vieira foi um dos nacionalistas presos no âmbito deste processo. Quando escreve *Luuanda*, em 1963, é um preso político em virtude das suas convicções nacionalistas, e já decorria a guerra de libertação de Angola (1961-1975). A situação vivida pelo autor enquadra estes contos como escrita comprometida, e por isso é pertinente recordar o percurso de Luandino Vieira, para se contextualizarem as motivações que subjazem à escrita, e se explicitar o receio que estes textos inspiravam ao regime ditatorial do Estado Novo. Mais tarde, em 1964, Luandino Vieira acabaria por ser transferido para a prisão do Tarrafal, ilha de Santiago, Cabo Verde, onde ficou oito anos. Tratava-se portanto de uma voz que se queria silenciar, um ativista a manter longe de Luanda.

No ano seguinte, em 1965, *Luuanda* ganhou o 1º Grande Prémio da Novelística da Sociedade Portuguesa de Autores, e desencadeou um polémico processo político, que teve o efeito oposto ao pretendido: quanto mais se pretendia silenciar o impacto destes textos, mais mítica se tornava a obra de Luandino Vieira. Com a atribuição do prémio pela Sociedade Portuguesa de Autores – o que levou ao encerramento da mesma pela polícia política do Estado Novo – *Luuanda* tornou-se um símbolo de resistência, alinhada à esquerda, que unia uma parte da intelectualidade portuguesa aos ativistas que pugnavam pela libertação das várias nações africanas ainda coloniza-

das por Portugal. *Luuanda* torna protagonista o povo de Luanda, por contraste com os bairros coloniais da “Cidade Alta”, revelando a base operária, explorada, dessa Luanda do musseque que, unida e resoluta, é o símbolo de uma idealizada nação africana a germinar. Doze anos depois da escrita de *Luuanda*, Angola torna-se um país independente, a 11 de Novembro de 1975. Neste processo histórico, a escrita literária de Luandino Vieira teve um importante papel de consciencialização política e de elucidação dos termos do conflito, ao mesmo tempo que ofereciam ao leitor angolano uma base de identificação com uma identidade angolana, distinta da portuguesa, que era urgente afirmar. *Luuanda* é portanto uma obra que nasce ligada a um contexto de resistência e afirmação, em sintonia com outras literaturas de língua portuguesa que na altura enfrentavam os mesmo desafios. Não é, apesar desta responsabilidade histórica, um livro datado, pois a vitalidade do texto continua a cativar leitores e permanece vivo testemunho da identidade angolana e das questões que ainda hoje aguardam resposta nessa sociedade.

O livro *Luuanda* veio a ser reeditado 17 vezes<sup>[1]</sup>, e foi traduzida para russo, alemão, checo, dinamarquês, sueco, inglês, italiano, polaco, espanhol e francês. As duas últimas reedições saíram simultaneamente em Luanda e Lisboa, em 2004 e 2008.

Em tom de conclusão acrescentaríamos que, em 2006, o Prémio Camões foi atribuído a Luandino Vieira, que na altura ainda vivia isolado e silencioso, recluso no convento de San Payo, em Vila Nova de Cerveira, onde esteve cerca de 10 anos. Aparentemente, nos últimos anos, o escritor reencarnou num avatar mais mundano, recomeçou a reescrever depois de uma longa interrupção, e redescobriu a teia de amigos e colaboradores que o reclamam para o mundo. Luandino Vieira tem também uma faceta de editor, com a editora *Nóssomos*, através da qual, mais uma vez, está a fazer as coisas que têm de ser feitas, como reeditar publicações raras de autores angolanos (e não só), divulgando de novo a sua obra.

Em nome de muitos, obrigada por tanto, Luandino.

---

1 Dez das reedições de *Luuanda* são das Edições 70, editora com um papel destacado na divulgação de autores angolanos e moçambicanos em Portugal, fazendo a ponte entre os intelectuais dos dois países num período de grandes convulsões históricas e políticas. Quatro edições são angolanas, três delas da União de Escritores Angolanos.